

confirmativa das declarações espirituais de 15 de outubro. De fato, aberto o livro número 13, referente a 1938, aquele oficial do Registro Civil nos mostrou o registro de óbitos, folhas 236 do livro n.º 13 do registro de óbitos, como se lê no documento, “consta o registro de óbito de *Emília da Costa Neves*, falecida aos 20 de março de 1938, às 19 horas neste distrito”. E demais notificações: sexo feminino, cor branca, profissão — doméstica, com 29 anos de idade, casada, filha de Manuel Costa Neves, lavrador, natural de Portugal, e de Maria Costa Neves, doméstica, também portuguesa. Declara ainda a certidão que Emília Costa Neves era casada com o Sr. Manuel Josino de Lima, não legando bens em testamento e deixando três filhos menores — Glicério, Jurandir e Helena.

A certidão que nos foi entregue, assinada pelo Oficial, Sr. Benedito Sozinho de Souza, é datada de 29 de dezembro de 1966. Por um missionário protestante, de Itaperuna, Sr. Correia, que conheceu pessoalmente Emília e seus familiares, soubemos, nesse dia, que nossa amiga espiritual desencarnara em extrema penúria, vítima da tuberculose, confirmando as notícias dadas ao médium, dois meses antes. Como vê o leitor, é este mais um maravilhoso testemunho da mediunidade, realmente ímpar, de nosso querido Chico Xavier.



27 DEPOIMENTO DE LINS DE VASCONCELLOS *

ADVERTÊNCIA AOS INDIFERENTES

Quando visitei o conceituado e famoso médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, a 19 de fevereiro de 1951, no salão do Centro Espírita “Luiz Gonzaga”, fui por ele informado de que estava presente o espírito de Romão Rocha, que fora meu contemporâneo nas atividades espíritas do Paraná. Em seguida, o médium acrescentou: “Romão pergunta se o senhor se lembra das palavras que ele lhe disse”. Respon-di, após refletir, que não me lembrava. Realmente, não era fácil precisar, dentre tantas coisas que conversávamos, o que desejaria ele lembrar. Como houve a seguir interferência de terceiros, não me foi possível pedir ao espírito de Romão reproduzisse o que antes me dissera.

Regressando à capital do Estado de São Paulo, não podia esquecer esse fato e dele me estava a recordar constantemente. Assim, a 2 de abril, tomei a resolução de escrever ao espírito de Romão Rocha, o qual por intermédio de Chico Xavier, no dia 4, respondeu o seguinte:

“Meu amigo, continue atento à execução dos compromissos assumidos, com a mesma vigilância construtiva que lhe caracteriza as atitudes, porque no Espaço não nos perdoamos se a indiferença inutilizou a nossa sementeira. Tudo se modifica, ao perdermos temporariamente as nossas possibilidades de atuação no plano dos encarnados, com a morte ou renovação do corpo, e precisamos aproveitar as horas e os talentos na concretização do bem com Jesus, de conformidade com os deveres que traçamos para nós mesmos no grande caminho da vida.

(*) “Mundo Espírita”, Ano XXXVI — Curitiba, Paraná, 31 de maio de 1968, n.º 1.007. (“Uma Página de Lins de Vasconcellos”).

Meu caro Lins, estas palavras disse eu a você em sessão, quando me endereçou a pergunta alusiva ao seu justo e rigoroso cuidado na aplicação dos recursos que o Senhor depositou em suas mãos fraternas a benefício de todos. Prossigamos para a frente com o zelo e a bondade por normas de ação. E que você e a nossa devotada irmã Nena continuem sempre inspirados por nosso Divino Mestre, nas lutas de cada dia, são os votos do seu amigo Romão”.

Cada um tirará dessas comunicações o proveito espiritual que quiser.

Lins de Vasconcellos (**)

(**) Curioso notar que o Dr. Artur Lins de Vasconcellos Lopes veio a desencarnar em 21 de março de 1952, praticamente um ano depois da mensagem aqui relacionada. (Nota do Autor).



28 NOVO DEPOIMENTO DE MANUEL QUINTÃO *

Depois de transcrever excelente mensagem de Emmanuel e o soneto “Sua Voz”, de Augusto dos Anjos, afirma M. Quintão:

“Agora, diz o médium — aqui está um Espírito que se apresenta de uma forma singular. . . Como que está ferido, todo envolto em panos e eu sinto odores de desinfetante. . . Contudo, ele não demonstra sofrimento e até sorri. . .

Agora, diz que tudo *isso*, é apenas para que seja identificado. Chama-se, chama-se. . . Américo. Lembramo-nos de Américo Melo, velho amigo de há 40 anos, recentemente desencarnado em São José dos Campos. Mas, não, não era Melo. . . Quem, então? Foi o Giffoni a lembrar: — *Almeida*. Sim, Américo de Almeida, o velho companheiro de lides doutrinárias na Federação, que vinha trazer-nos o seu abraço. De fato, assim desencarnara ele, qual outro Job, coberto de chagas ou melhor — todo numa chaga e envolto, e enterrado em panos. O médium ignorava esse pormenor, que, por natural sentimento de piedade, ficara circunscrito aos círculos mais íntimos da família, enquanto que, por nós, podemos garanti-lo, nenhum dos presentes poderia presumir e provocar tal testemunho. Vinha ele, assim, com aquela espontaneidade que será sempre o melhor cunho de comprovação, além do outro, peculiar, inconfundível e consentâneo ao subjetivismo de cada um. Todos induzimos e concluímos racionalmente, não apenas, e sim porque *todos sentimos*, que ali estava o saudoso companheiro, e com ele outro não menos querido e saudoso, que entre nós se chamou Ataliba de Lara e foi advogado de renome, ao seu tempo, nos auditórios do Rio de Janeiro.

Assim terminava a tarefa daquele dia”.

(*) M. Quintão, “Romaria da Graça”, FEB, 1939, págs. 17-18.